

Graphic Novel enquanto literatura: a crítica literária de Antonio Candido aplicada a *Maus: a Survivor's Tale*, de Art Spiegelman

Liège Schilling Copstein (URI-FW)ⁱ

Passadas quase sete décadas do final da Segunda Guerra Mundial, a profusão de material documental, teórico e ficcional que ainda se produz sobre o tema demonstra que a humanidade não elaborou suficientemente esse trauma coletivo. Questiona-se repetidamente, debruça-se sobre os fatos, e tenta-se relê-los mais e mais uma vez, na esperança de que eles “façam sentido”.

O sentido, na verdade, se faz e se desfaz. Pois nem todas as explicações causais, apoiadas em diversas disciplinas, parecem satisfazer. A inquietação volta-se então para o verdadeiro conceito do **fazer sentido**, aquele que acontece no recôndito do subconsciente (onde se dá o verdadeiro **reconhecimento**), alia-se à filosofia, à religião, não raro esoterismo, mas a questão principal volta com mais intensidade: “Como foi possível? Quem somos nós, capazes de criar tal horror?” Se, como diz Antonio Candido, “a literatura é o sonho acordado das civilizações” (CANDIDO, 1995, p. 242–243) então os temas literários são o conteúdo onírico da humanidade, e a Segunda Guerra Mundial, em especial o Nazismo, é material dos seus pesadelos.

Esta inquietação permanece encontrando novos canais de expressão. Em 2002, a história em quadrinhos¹ *Maus: A Survivor's Tale* (1986), do desenhista norte-americano Art Spiegelman, recebeu o conceituado Prêmio Pulitzer – dirigido a artes e jornalismo e concedido pela Universidade de Columbia, NY – em categoria especial. A obra reúne duas narrativas autobiográficas: a tumultuada relação do autor com seu pai, Vladek Spiegelman, judeu polonês sobrevivente do campo de concentração nazista de Auschwitz, e o relato do próprio Vladek sobre a Segunda Guerra Mundial na Europa. O Pulitzer consagrou *Maus* como portadora de valor estético, literário e humanístico, e adicionou mais uma dimensão ao debate sobre a possível profundidade reflexiva oportunizada por textos veiculados no formato *comic book*, e mais exatamente, em uma de suas vertentes evolutivas, a *graphic novel*.

1 Utilizaremos alternadamente, para fins de leveza do texto, as expressões *comic book* (denominação criada nos Estados Unidos) e história em quadrinhos. No Brasil é usada ainda a expressão *gibi*, originada de um periódico de quadrinhos publicado inicialmente em 1939 pela então Rio-Gráfica Editora, hoje Editora Globo. Também é comum a abreviação HQ.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

1. O QUE É GRAPHIC NOVEL?

Ao entregar à editora os originais de sua obra *A Contract with God, and Other Tenement Stories*, em 1978, o renomado quadrinista Will Eisner a apresentou como *graphic novel* (no Brasil, **romance gráfico** ou **novela gráfica**), por julgar que a denominação *comic book* não era capaz de abranger toda a proposta, e que não haveria interesse do editor por uma **simples** história em quadrinhos. Em sua palestra durante o *Will Eisner Symposium: The 2002 University of Florida Conference on Comics and Graphic Novels*, Eisner afirma:

I'm here to tell you that I believe strongly that this medium is literature. It's a form of literature, and it's reaching its maturity now. [...] The future of the medium now hinges—hangs— on the support of the academic world because in order for the medium to grow and mature as it has been, it needs the attention and the interest of people who, in the academic world, are able to dissect it, to discuss it, to recognize it, and to evaluate it, which will establish a standard that young comic artists coming into the field will aspire to. (EISNER, 2002).²

Se seus próprios editores por vezes duvidam de que as histórias em quadrinhos possam constituir um suporte eficiente para a abordagem de temas sérios e seu aprofundamento reflexivo, o que dizer então de um *comic book* que se propõe a relatar nada menos do que a trágica memória de um sobrevivente do Holocausto. Por essa razão, a trajetória de sucesso – crítico e editorial - de *Maus* é tão significativa.

No *Maus* de Art Spiegelman, a aparente inadequação entre linguagem e temática é elevada a recurso narrativo: o traço é despojado e sem intenção de representação realista, utilizam-se recursos associados a histórias infantis como onomatopeias e os personagens são os “bichinhos” que povoaram os livrinhos e desenhos animados de nossa infância: o gato, o rato, os porquinhos...

Art Spiegelman revela que em uma de suas palestras a respeito de *Maus*, travou-se entre ele e um jornalista o seguinte diálogo: (jornalista) “Você não acha de mau gosto usar história em quadrinhos para retratar o Holocausto?” (Spiegelman) “Não, eu acho que o Holocausto é que foi de mau gosto.” (SPIEGELMAN, 2011). Subverter a candura infantil dos “bichinhos” que falam, (ainda que a violência subjacente nas histórias e desenhos animados infantis já tenha sido tema razoavelmente questionado inclusive em nível acadêmico), foi talvez o recurso narrativo e estético mais importante de *Maus*.

2 Estou aqui para dizer que acredito fortemente que este meio é literatura. É uma forma de literatura, e está atingindo sua maturidade agora. [...] O futuro do meio agora depende do mundo acadêmico, porque para que cresça e amadureça como está acontecendo, é necessária a atenção e o interesse de pessoas que, no mundo acadêmico, são capazes de dissecá-lo, discuti-lo, reconhecê-lo e avaliá-lo, o que irá estabelecer um padrão ao qual jovens artistas de quadrinhos iniciantes irão aspirar. (EISNER, 2002)

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Porque é tão mais terrível ver um gato esmagar a cabeça de um rato em *Maus*, do que ver Tom martelar a cabeça de Jerry? Talvez porque sabemos que o que está em *Maus* aconteceu. Esta construção que reorganiza elementos autônomos para produzir um todo orgânico altamente instigante – visto que não nos dá o que esperamos, utilizando-se de nossas expectativas introjetadas, e gera **estranhamento** – remete às proposições de Candido sobre forma e estrutura aliada a tema e discurso atuando em uníssono. Como uma bazuca construída com *marshmallows*, o contraste e seu subsequente choque potencializam a produção do sentido mais profundo.

2.A FUNÇÃO HUMANIZADORA

No decorrer da narrativa de *Maus*, os ratinhos, acudados nos *ghettos* (ratoeiras) cada vez mais estreitas e miseráveis, abandonam por vezes todos os preceitos de humanidade nos quais queremos acreditar – da solidariedade, da coragem, do altruísmo. Sobreviver, no seu significado mais imediato, torna-se a única motivação. Finalmente, o sobrevivente por excelência, o personagem principal de *Maus*, Vladek, nem por isso torna-se “melhor”. Ele é frequentemente mesquinho, individualista e descrente. Pior, demonstra em vários momentos o mesmo preconceito e intolerância que precipitaram os acontecimentos terríveis da Alemanha nazista, sequer disposto a conceder a outros os mesmos direitos dos quais se acha detentor. Mas no momento seguinte, é capaz de um ato redentor de pura grandeza. Vladek é simplesmente humano, com tudo de contraditório que há em sua natureza. E a contemplação de sua humanidade pode ter, por sua vez, efeito humanizador.

Um dos principais pressupostos do pensamento de Antonio Candido refere-se aos elementos de humanização do personagem, aqueles elementos de caracterização que o ligam, por afinidade, a todo o resto da humanidade. E aqui não utilizaremos um sentido de “humanidade” como somente detentora de virtudes, mas um sentido mais amplo do termo, como portadora de incoerências, paradoxos e debilidades de conduta ética, moral e intelectual.

Consideramos relevante deter-nos sobre os significados de “humano” e “humanizador” propostos por Antonio Candido:

Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 1995, p. 249).

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Mas para fins desta pesquisa, interessa-nos igualmente outra abordagem do conceito de “humano”, também contemplado por Candido, quando afirma que literatura sob certo ângulo pode ser vista como “um sistema simbólico, por meio do qual as veleidades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contato entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade” (CANDIDO, 2000).

Pois parece-nos que em *Maus* o principal recurso humanizador do personagem central, Vladek, é justamente a explicitação de suas **veleidades** proposição que exporemos a seguir, e que encontra respaldo na análise procedida por Dominick Lacapra (LACAPRA, 2009) em **Historia y memora después de Auschwitz.**

Se Vladek fosse um personagem plano, e a dimensão de vítima relacionada a ele a única informação disponível para abordá-lo, cremos que o potencial de identificação do leitor com sua humanidade – a de Vladek – e consequente produção de sentido a partir das experiências por ele narrada, seriam grandemente reduzidas, se não anuladas. Nossa percepção neste aspecto respalda-se mais uma vez em Candido, quando afirma: “A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa – o Verdadeiro, o Bom, o Belo, definidos conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço da sua concepção de vida” (CANDIDO, 2002, p. 83).

Longe de encarnar a vítima virtuosa, Vladek faz o que é preciso para sobreviver. Sua luta coloca-o frequentemente diante de dilemas éticos os quais ele resolve sempre sob o viés da individualismo. Não por acaso, uma de suas primeiras afirmações no início da obra delimita sua estratégia de abordar o mundo:

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.



(SPIEGELMAN, 1987, p. 5).

Mesmo sua vida amorosa é pontuada por considerações extremamente práticas. Diz ele sobre a namorada e amante de mais de três anos, com quem recusou-se a casar:



E ao visitar pela primeira vez a casa da futura noiva, Vladek procede a uma investigação minuciosa, na tentativa de identificar possíveis desvantagens na união:

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.



O pragmatismo de Vladek surge também em suas considerações sobre o episódio em evitou ser deportado para o campo de concentração – o que viria a acontecer só mais tarde. A família – Vladek, a esposa Anja e os sogros – estava detida em um edifício à espera dos caminhões que os levariam a Auschwitz. Da janela, Vladek enxerga seus primos Jakov e Haskel, e pede que o ajudem a escapar:



Haskel aceita as joias de Vladek e o salva, mas embolsa o pagamento dos sogros e não os ajuda. Para Vladek, esta atitude, considerada imoral pelo filho, era aceitável dadas as circunstâncias da época.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

A despeito de seu ceticismo, em vários momentos Vladek demonstra verdadeira solidariedade e compaixão por seus companheiros de prisão, chegando mesmo a expor-se para ajudá-los, como quando narra os sofrimentos do amigo Mandelbaum. Sem sapatos, colher para comer ou um cinto para segurar as calças, Mandelbaum tem seu sofrimento e humilhação potencializados. Quando Vladek consegue uma posição privilegiada com professor de inglês de um dos guardas do campo, usa dessa influência para conseguir os objetos que faltavam ao amigo:



Se Antonio Candido afirma que “A função da literatura está ligada à complexidade da sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório mas humanizador (talvez humanizador porque contraditório)” (CANDIDO, 1995, p. 244), podemos quem sabe avaliar o poder **revelador** do contraditório no momento mais emblemático da explicitação dos paradoxos, tão **humanos**, da personalidade de Vladek. É quando ele se nivela aos próprios algozes nazistas. Vladek fica chocado e furioso quando a nora Françoise oferece carona a um negro, após compras no supermercado:



Vladek é bom?
Vladek é mau? O autor
deixa a critério do leitor
esse juízo de valores, e a
esse questionamento,

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhando redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

seguem-se outros: Se Vladek é mau, ele merece o tratamento **desumano** que recebeu? Só os bons merecem compaixão? E ser bom, é possível em um mundo degradado? Os preceitos morais e éticos que supomos devem reger nossa sociedade devem prevalecer em qualquer situação, ou são apenas um luxo supérfluo daqueles resguardados de situações-limite? Entendemos que esse tipo de apelo à reflexão caracteriza a função humanizadora de uma verdadeira obra literária. E, ao concluir que a *graphic novel* **Maus**, em sua evidente literariedade, de fato espelha os pressupostos de Antonio Candido, julgamos oportuno encerrar com a afirmação: “Ela (a literatura) não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CANDIDO, 2002, p. 85).

Referências

CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. 5. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

CANDIDO, A. **Vários Escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos. (1750-1836).. (1836-1880)**. [S.l.]: Ed. Itatiaia Limitada, 2000.

CANDIDO, A. **Textos de intervenção**. 34. ed. São Paulo: Editora 34, 2002.

EISNER, W. Keynote address from the 2002 “Will Eisner Symposium”. **ImageTxT Interdisciplinary Comics Studies**, 2002. Disponível em:
<http://www.english.ufl.edu/imagetext/archives/v1_1/eisner/>.

LACAPRA, D. **Historia y memora después de Auschwitz**. 1. ed. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009.

SILVA, M. C. Crítica Sociológica. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (Org.). **Teoria Literária - Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas**. 3. ed. [S.l.]: Maringá, 2009.

SPIEGELMAN, A. **Maus: a história de um sobrevivente**. 1. ed. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1987.

SPIEGELMAN, A. **MetaMaus, The Complete Maus Files. MetaMaus: A Look Inside a Modern Classic, Maus**. Nova Iorque: Pantheon, 2011. DVD incluso no livro impresso.

Í Mestranda em Literatura pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Frederico Westphalen – RS – Brasil. E.mail: liegecopstein@gmail.com